

EXPECTATIVAS DA COMUNIDADE FRENTE À UNIVERSIDADE

BCH-PERIODICO

Valdiney Velôso Gouveia *
Francisco José Batista de Albuquerque **
Andréia Carvalho Solha ***

RESUMO

Com uma amostra de 302 sujeitos, dos quais 101 estavam cursando ou já haviam cursado Universidade e os demais 201 não a haviam cursado, foi estudado, através de um questionário padrão, construído a partir de estudo piloto, a expectativa da Comunidade frente à Universidade, na cidade de João Pessoa. Os resultados básicos foram de que as pessoas que não frequentaram a Universidade vêem-na como um meio de ascensão sócio-política-econômica, apresentando, assim, expectativas positivas diante da mesma. Por outro lado, quem a cursa ou já a cursou expressou expectativas mais tendentes a negativas, acreditando que sua vida seria melhor caso não houvesse ingressado na Universidade. Algumas conclusões e sugestões para pesquisas são apresentadas.

ABSTRACT

EXPECTATIONS OF THE COMMUNITY TOWARDS UNIVERSITY

The expectations of the community towards University in a northwestern city were studied 302 adolescents and adults; 101 of them had experienced University life and 201 had no experience. They answered a questionnaire about the meaning of the University, whose items were constructed on the basis of a pilot study. Results show that subjects with no experience had positive expectations towards the University as a mean of social-political and economic improvement. The undergraduates and professionals had negative general expectations about the social role of the University and believed that they would be better off in life if they had avoided it.

1. INTRODUÇÃO

O tradicional questionamento em torno da função da Universidade remete ao entendimento de que há uma relação expressiva desta com a Comunidade (Canabrava, 1961; Cansado, 1945; Ponce, 1984). Contudo,

* Professor da Universidade da Paraíba

** Professor da Universidade da Paraíba

*** Mestranda pela Universidade de Brasília

o que se tem percebido nas últimas décadas não é o fortalecimento de tal relação, mas, pelo contrário, um distanciamento crescente entre a Universidade e a Comunidade, denotando parte de sua crise que vem se constituindo em um problema em nossa sociedade (ver Buarque, 1986; Vidal, 1989).

Apesar do notório problema acima relatado, a maior parte das publicações sobre Universidade tem se detido em debater sua história, estrutura e funcionamento (Alfredo, 1966; Heer, 1982; Tobias, 1969); e as pesquisas, quando realizadas na área, são geralmente direcionadas para o seu interior, tendo como alvo o alunado (Ca Debella, 1978; Foracchi, 1962; Oliveira, 1974; Schuhly & Vetter, 1980).

Quanto às diversas definições existentes sobre a função da Universidade na Comunidade e de sua relação com a mesma, observa-se frequentemente o poder que é atribuído à Universidade. Nesse contexto, predomina a concepção de que a Universidade (ou o ensino superior, de modo geral) favorece ao homem o aprimoramento da inteligência para que ele possa obter ascensão sócio-política-econômica, tornando-o livre numa sociedade industrializada e de lutas de classe (Buarque, 1986; Ponce, 1984; Vidal, 1989; Weber, 1976).

Diante desta concepção de Universidade como promotora do 'poder', pode-se hipotetizar que uma parcela significativa da explicação do afastamento entre a Comunidade e essa instituição deve ser atribuída à insatisfação e decepção da Comunidade frente a ela. Neste sentido, Kauth e Cornejo (1976) constataram que os jovens secundaristas apresentam uma expectativa positiva em relação à Universidade; todavia, segundo Col Debella (1978), já no primeiro semestre de Universidade começa a configurar-se a frustração dos estudantes com a mesma, uma vez que eles não têm suas expectativas atendidas.

Apesar dos estudos acima, nenhuma pesquisa envolvendo a Comunidade e a Universidade como entidades que interagissem foi encontrada na literatura. A prioridade tem sido entrevistar estudantes (secundaristas ou universitários) em seus ambientes de aprendizagem (ver Col Debella, 1978; Kauth & Cornejo, 1976).

Diante desta situação e considerando que a direção do comportamento sofre grande influência das expectativas e atitudes que o sujeito desenvolve em relação a determinados objetos (Albuquerque, 1987; Hamilton, Sherman & Ruvolo, 1990; Jussim, 1990), a hipótese geral deste estudo foi a de que as pessoas estão elaborando uma imagem fantasmática da Universidade, certamente baseada em fatos

que não condizem com a realidade atual. A partir daí, ao ingressarem na instituição, elas têm a frustrante sensação de não 'subirem na vida', o que as afastam dela.

O objetivo principal deste trabalho, assim, foi conhecer as expectativas¹ da Comunidade frente à Universidade, identificando seus aspectos negativos e positivos; e, compará-las em função das pessoas que a cursaram com as que não a frequentaram.

A justificativa apresentada aqui foi a de que, conhecendo as expectativas da Comunidade, daríamos subsídios para, ao se interagir com elas, adequar comportamentos, quer modificando as condições da realidade, quer explicitando, informando sobre tais condições em que o sujeito haverá de viver.

2. MÉTODO

AMOSTRA

A área de execução da pesquisa compreendeu o centro da cidade de João Pessoa, onde há maior diversidade e concentração de pessoas. A partir de amostragem acidental (Richardson, Peres, Correia, Peres & Wanderley, 1985), para uma população de aproximadamente 800 mil habitantes, obteve-se uma amostra representativa de 302 sujeitos (Krejcie & Morgan, 1970), posteriormente divididos em dois grupos: os que não haviam cursado a Universidade (G1 = 201) e os que estavam cursando ou já a cursaram (G2 = 101).

Nos dois grupos houve uma distribuição equitativa quanto à variável sexo. O G1 teve idade média aproximada de 27 anos e maior concentração de renda em torno de três salários mínimos para o respondente e cinco para sua família: a escolaridade do pai e da mãe foi melhor representada pelo 1º grau. No G2 a média de idade foi de aproximadamente 32 anos: a maioria dos sujeitos relataram que sua renda era de nove salários mínimos, enquanto que a da sua família era de 18; a moda da escolaridade da mãe correspondeu ao 1º grau e a do pai ao curso superior (Tabela 1).

1. O conceito de expectativa aqui adotado refere-se a alguma crença, hipótese, teoria, suposição ou construto acessível que é produzido de uma experiência prévia (direta ou indiretamente) e usada, consciente ou inconscientemente, como base para interpretar ou se comportar num dado contexto (Ditto & Hilton, 1990).

Tabela 1: Caracterização da Amostra

Variáveis	Grupos				Total
	G1		G2		
Sexo	f	f%	f	f%	f
Masculino	97	(48.3)	49	(48.5)	146
Feminino	104	(51.7)	52	(51.5)	155
Escolaridade do Sujeito					
Analfabeto	13	(6.5)			13
1º Grau	44	(21.9)			44
2º Grau	144	(71.6)			144
Superior			101	(100.)	101
Escolaridade do Pai					
Analfabeto	25	(12.4)	12	(11.9)	37
1º Grau	84	(36.4)	26	(25.7)	110
2º Grau	62	(20.8)	28	(27.7)	90
Superior	30	(14.9)	35	(34.7)	65
Escolaridade da Mãe					
Analfabeta	29	(14.4)	12	(11.9)	41
1º Grau	89	(44.3)	32	(31.7)	121
2º Grau	54	(26.9)	30	(29.7)	84
Superior	29	(14.4)	27	(26.7)	56
Idade dos Sujeitos					
Média		27.5		32.5	29.1
Desvio Padrão	9.60		8.02		9.39
Renda do Sujeito					
Moda em Salários Mínimos	3		9		3
Renda Familiar					
Moda em Salários Mínimos	5		18		9

INSTRUMENTO

O instrumento de coleta de dados foi um questionário, construído a partir de um estudo piloto (Albuquerque, 1987) com 90 sujeitos (45 já haviam cursado a Universidade, e os outros 45 não a haviam cursado), com três partes distintas: dados demográficos, perguntas referentes à Universidade (o que é, o que faz e o que deveria fazer?) e outras sobre influência na vida de quem a cursou ou não. Houve variação em perguntas abertas e fechadas².

PROCEDIMENTO

Foram treinados quatro entrevistadores, dos quais um do sexo masculino e três do feminino. Estes abordavam as pessoas (uma de

2. Sistemáticamente tem-se chegado à conclusão que a variação do tipo de pergunta (aberta v.s. fechada) não influencia nos padrões ou qualidade das respostas das pessoas (Gunther & Lopes Jr., 1990).

cada vez) que passavam no local especificado da pesquisa, informando-lhes serem pesquisadores que estavam fazendo um levantamento do perfil de algumas das principais instituições do país, e que naquele momento estavam interessados em conhecer o perfil da Universidade. Com isso, pediam a colaboração dos sujeitos para que respondessem ao questionário; caso alguém não soubesse escrever, o entrevistador realizava tal tarefa após emitidas as respostas orais pelo sujeito.

ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para análise dos dados foi utilizado o SPSS em sua versão 4.0, através do qual foram elaboradas tabelas de frequência, cruzamento de tabelas e o teste do Qui-Quadrado (X²).

O teste do X² calculado para as Tabelas 2 e 3 foi efetuado com os sub-totais das expectativas em cada grupo, ou seja, pegaram-se os sub-totais do G1: expectativas positivas e negativas, o mesmo acontecendo com o G2.

RESULTADOS

Na Tabela 2 podem ser comparadas as respostas dos sujeitos à questão 'O que é a Universidade' em função da condição de ter (G2) ou não a ter cursado (G1).

**Tabela 2:
O que é a Universidade**

	GRUPOS			
	G1		G2	
	f	f%	f	f%
EXPECTATIVAS POSITIVAS				
Fonte de Status	10	5	3	3
Centro de preparo profissional	47	23.4	13	12.9
Meio de realização pessoal	24	11.9	12	11.9
Meio de melhorar a qualidade de vida	36	17.9	8	7.9
Sub-total	117	58.2	36	35.7
EXPECTATIVAS NEGATIVAS				
Instituição decadente	18	9	15	14.9
Instituição seletiva e mal dirigida	30	14.9	26	25.7
Fábrica de canudos e de incompetentes	14	7	9	8.9
Máquina de desemprego	22	10.9	14	13.9
Sub-total	84	41.8	64	63.3
Não respondeu			1	1
TOTAL	201	100	101	100

$\chi^2 = 13.18, g. l. = 1, p < .000$

Percebe-se que, no geral, o G1 (não cursou a Universidade) apresentou expectativas mais positivas (58,2%) do que o G2 (cursou a Universidade), cujas expectativas foram mais tendentes a negativas (63,3%).

Nos aspectos positivos, a resposta de que a Universidade é "um centro de preparo profissionalizante" foi a mais frequente e compartilhada pelos dois grupos. Na segunda resposta, contudo, eles diferiram: para o G1 ela é "um meio de melhorar a qualidade de vida"(17,9%); ao passo que é para o G2 "um meio de realização pessoal"(11,9%).

A atribuição de que a Universidade é "uma instituição seletiva e mal dirigida" foi a mais frequente entre os dois grupos nos aspectos negativos. Mais uma vez, os grupos passaram a diferir a partir da segunda resposta dada: a maioria do G1 afirmou que tal instituição é "uma máquina de desemprego"(10,9%), enquanto o G2, embora concordando nisto, expressou a opinião de que ela é "uma instituição decadente"(14,9%).

As respostas quanto ao "que faz a Universidade" são apresentadas na Tabela 3. Elas podem mais facilmente revelar o significado real das Universidades, pois é esperado que o respondente tome como parâmetro de avaliação as Universidades que compõem sua região.

Tabela 3:
O que é a Universidade

	GRUPOS			
	G1		G2	
	f	f%	f	f%
EXPECTATIVAS POSITIVAS				
Forma Profissionais	28	13.9	11	10.9
Ensina, prepara e instrui	38	18.9	11	10.9
Possibilita oportunidade de emprego	30	14.9	10	9.9
Promove desenvolvimento de pesquisa	7	3.5	2	2.0
Sub-total	103	51.2	34	33.7
EXPECTATIVAS NEGATIVAS				
Dá conhec. teórico e desv. da prática	22	11	23	22.8
Forma pseudo-profissionais	28	13.9	16	15.8
Não atende à população carente	26	12.9	9	8.9
Nada, apenas distribui diplomas	22	11	17	16.8
Sub-total	98	48.8	65	64.3
Não respondeu			2	2
TOTAL	201	100	101	100

$\chi^2 = 7.64$, com g. l. = 1, $p < .000$

Nota-se que há uma manutenção do posicionamento entre os dois grupos: o G1 apresentou expectativas mais positivas diante da Universidade (51,2%), quando comparado com o G2 que demonstrou ser mais severo, avaliando-a de forma mais negativa (64,3%).

Nos aspectos positivos, vê-se que a atribuição de que a Universidade "ensina, prepara e instrui", foi a mais frequente nos dois grupos: porém, no G2 tal resposta compartilhou um igual posicionamento com a afirmação de que a Universidade "forma profissionais". Na segunda resposta mais mencionada os grupos também concordaram em que a Universidade "possibilita oportunidade de emprego".

Quanto aos aspectos negativos, não houve concordância entre os grupos para a primeira e segunda resposta mais mencionada. Assim, enquanto a resposta mais mencionada pelo G1 foi que a Universidade "forma pseudo-profissionais"(13,9%), pelo G2 foi que ela "dá conhecimento teórico e desviado da prática"(22,8%); a segunda resposta no G1 correspondeu à "não atende à população carente"(12,9%), no G2, por outro lado, foi de que a Universidade não faz "nada, apenas distribui diplomas". (16,8%).

A partir dos dados das Tabelas 2 e 3 foram feitos cruzamentos com as variáveis: idade, sexo, escolaridade do pai, escolaridade da mãe, renda do respondente e renda familiar (ver Tabela 4). Pretendeu-se avaliar se tais variáveis poderiam mudar os aspectos das expectativas (positivos ou negativos) nos dois grupos.

Tabela 4: Variáveis demográficas e expectativas frente à Universidade

Variáveis Antecedentes	Variáveis Consequentes			
	O que é a Universidade		O que faz a Universidade	
	G1	G2	G1	G2
IDADE	13.03 (5) *	2.29(5)	6.69(5)	10.62(5)
SEXO	1.63 (1)	6.55 (1)*	.08(1)	7.18(1) **
ESCOLARIDADE DO PAI	10.84(3)*	1.58(3)	14.31(3)**	.53(3)
ESCOLARIDADE DA MÃE	8.40(3)*	5.93(3)	13.58(3)**	2.28(3)
RENDA PESSOAL	7.19(7)	6.83(7)	16.68(7)*	4.24(7)
RENDA DA FAMÍLIA	.19(7)	7.11(7)	19.02(7)**	2.53(7)

χ^2 (g.l.)

*.01 < p < .05 ** p < .000

A partir dos resultados obtidos através das variáveis demográficas com a expectativa do que é ou o que faz a Universidade, observou-se que essas não mudaram a direção geral dos resultados apresentados

anteriormente: o G1 continuou expressando expectativas tendentes a positivas, enquanto o G2, mais severo em sua avaliação, demonstra-as predominantemente como aspectos negativos.

Comparando o tipo de expectativa em cada grupo em função das variáveis demográficas, pôde-se perceber algumas diferenças significativas. Especificamente, constatou-se que:

No G1, os sujeitos cujo pai e/ou mãe era analfabeto ou com o curso primário, apresentaram expectativas mais positivas frente às duas perguntas sobre a Universidade do que aqueles cujos pais tinham curso secundário ou superior. Também neste grupo, as expectativas dos sujeitos com renda pessoal abaixo de cinco e/ou renda familiar abaixo de dez salários mínimos foram mais positivas do que daqueles que relataram uma renda acima dessas cifras, mas apenas para pergunta "o que faz a Universidade"; e, também foram mais positivas neste grupo as expectativas dos sujeitos com idade inferior a 21 anos.

A variável sexo foi a única que influenciou significativamente nas expectativas dos respondentes no G2. Para as duas perguntas as mulheres apresentaram expectativas mais positivas do que os homens.

Na questão, "O que a Universidade deveria fazer", há uma dispersão das respostas dos sujeitos (Tabela 5), que pode dever-se ao fato da pergunta exigir comparações ao nível do que as pessoas acreditam como sendo ideal.

Tabela 5:
O que a Universidade deveria fazer

EXPECTATIVAS	GRUPOS			
	G1		G2	
	f	f%	f	f%
Ter vergonha	7	3.5	4	3.9
Mudar o método de ensino	33	16.4	7	6.9
Melhorar o nível de ensino	66	32.4	39	38.6
Adequar os cursos ao mercado	34	16.9	24	23.8
Oferecer cursos em tempo rápido	22	11	12	11.9
Atender a população carente	27	13.4	7	6.9
O que faz	11	5.5	4	4
Outros	1	0.5	2	2
Não respondeu			2	2
Total	201	100	101	100

As respostas de que a Universidade deveria "melhorar o nível de ensino" e "adequar os cursos ao mercado de trabalho", foram, respectivamente, as mais frequentes e compartilhadas entre os grupos. Com a terceira resposta os grupos passaram a diferir: o G1 afirmou que a Universidade deveria "mudar o método de ingresso do alunos"(16,4%) e o G2, por outro lado, respondeu que tal instituição deveria "oferecer cursos em tempo mais rápido"(11,9%).

A questão sobre "Qual a influência da Universidade na vida das pessoas"(Tabela 6) tem um caráter mais avaliativo, devendo ser tomada como o resultado das crenças que as pessoas ainda têm frente à Universidade, enquanto instrumento que possibilita mudanças na vida delas.

Tabela 6:
A influência da Universidade na vida das pessoas

EXPECTATIVAS	G1		G2	
	Se cursado, a vida mudaria		Se não cursado, a vida mudaria	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Seria melhor	133 (66.2%)	2 (1.0%)	44 (43.6%)	
Seria pior	3 (1.5%)	63 (31.3%)	4 (4.0%)	26 (25.7%)
Não sabe/Não Resp.			27 (26.7%)	

Diante destes dados pode-se perceber, que para a maioria do G1 (66,2%), se houvesse cursado a Universidade a vida seria melhor. A grande maioria dos respondentes do G2 que se posicionaram diante da questão (43,6%), afirmou que, se não houvesse cursado a Universidade a vida seria melhor.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dois grupos (G1 e G2) que compuseram a amostra apresentam-se de tamanhos diferentes. Todavia, esse fator não tem influência significativa sobre os resultados, mesmo porque tais amostras representam aproximadamente a população, a nível de educação

institucional. A maior segurança advém da realização do estudo piloto com amostragem equivalente para cada grupo, onde a direção dos resultados foi basicamente a mesma apresentada acima.

Com relação à Tabela 6, é necessário uma observação. Analisando as respostas do G2 percebe-se uma certa ambiguidade em que 25,7% dos sujeitos afirmaram que se não houvessem cursado a Universidade a vida não mudaria - seria pior. Se os sujeitos disseram que seria pior, é porque acreditam em uma mudança. É possível que as perguntas referentes a essa questão não tenham ficado claras, dessa forma, apesar da indicação de que os dados são válidos por estarem congruentes com os demais resultados e com outros estudos (Albuquerque, 1987), será necessário em pesquisas posteriores rever esse ponto.

Em termos dos resultados, no geral, de forma mais predominante, percebe-se que a diferenciação nas expectativas das pessoas é decorrente do fato delas terem ou não cursado a Universidade. Revelando que, quem a cursou tende a ser mais severo, avaliando-a com atributos mais negativos; já quem não a cursou atribui-lhe aspectos mais positivos.

Diante dos estudos de Col Debella (1978), tais resultados já poderiam ser esperados. O problema dessa passagem de expectativas positivas para negativas frente à Universidade, parece mostrar-se aqui influenciada por possíveis experiências frustrantes que as pessoas tenham passado ao ingressar em tal instituição.

É pertinente pensar que as pessoas acreditam na Universidade como um instrumento de ascensão sócio-econômico (Ponce, 1984; Weber, 1976). Daí não hesitam em colocá-la no topo das suas imaginações.

Parece que a comunidade está elaborando mentalmente um esquema de causa-efeito: a renda do respondente e da família deste foi menor no grupo que não cursou a Universidade e que tinha os pais com o menor nível escolar. Daí, é possível que os sujeitos deste grupo estejam discernindo que os sujeitos do outro grupo têm maior renda própria ou familiar por terem cursado ou estarem cursando a Universidade. Sendo assim, acreditam que se seus pais tivessem cursado ou se eles cursassem a Universidade melhorariam sua renda e a vida, o que pode estar levando-os a ter expectativas mais positivas diante desta Instituição.

A afirmação acima é reforçada quando são consideradas as avaliações das pessoas que têm pai e/ou mãe com curso superior, mas com renda familiar baixa. Elas atribuem, de forma mais constante,

aspectos negativos à Universidade, o que pode estar refletindo sua experiência - mesmo que de forma indireta - com esta Instituição, revelando uma decepção e até mesmo frustração que as permitem repensá-la avaliativamente, posto que seus pais não mudaram a qualidade de vida.

As expectativas mais positivas demonstradas pelos sujeitos, com idade abaixo de 21 anos, no grupo dos que não cursaram uma Universidade, certamente reflete mais vividamente a 'esperança e ilusão' destes de ingressar no ensino universitário. É coerente pensar nesta possibilidade, pois estando em idade de fazer vestibular, os sujeitos agem consonantemente, valorizando aquilo que podem alcançar; uma vez que a idade avança eles perdem um pouco de tais expectativas - a Teoria da Dissonância Cognitiva ajuda a entender tal processo (ver Festinger, 1975).

O fato do sexo feminino avaliar mais positivamente a Universidade corrobora pesquisa já realizada (Kauth & Cornejo, 1976), mas pode estar indicando um aspecto mais complexo da questão: será que passando pela Universidade a mulher encontra uma abertura maior dentro da sociedade para se afirmar enquanto pessoa e profissional? Se isso for verdadeiro, pode ser de imediato a explicação para a positividade de suas expectativas, mas se não for, resta descobrir o que tem contribuído para a diferenciação nas expectativas em função do sexo.

Uma questão que chama atenção é o fato das expectativas das pessoas revelarem uma preocupação com o nível de ensino na Universidade. Esta preocupação pode indicar a imagem que lhes é passada de uma Universidade clássica que assume a função de transmissão do conhecimento, sob a forma sobretudo da docência (Demo, 1978). Até mesmo quanto à questão do que faz tal Instituição, encontramos com maior frequência a resposta de que ela "ensina, prepara e instrui". Contudo, isso não invalida a crença de que a Universidade prepara profissionalmente.

O que surpreende é o fato das pessoas que não cursaram a Universidade revelarem uma preocupação igual a daqueles que a cursaram, acreditando em sua maioria que ela deveria melhorar o nível de ensino. Tomando Cantril (1969), quando afirma que o ponto de vista sustentado por um indivíduo qualquer acerca de um objeto (a Universidade) dependerá com mais frequência das opiniões que tem ouvido de outras pessoas do que de um contato direto com este objeto,

tal posicionamento talvez possa ser explicado, uma vez que a Comunidade está constantemente em contato direto com rádio, televisão e outros meios de comunicação que informam sobre a precariedade reinante no ensino universitário.

A questão do debate em torno da Universidade em João Pessoa, advém muito também do fato do espaçamento sócio-político-regional ocupado por tal instituição ser representativo, se tomado em comparação com a população em geral.

CONCLUSÃO

Diante da presente pesquisa verificou-se que as pessoas que não cursaram a Universidade ainda a vêem, como a grande possibilidade de ascensão econômica e social. Provavelmente por isto, estão apresentando expectativas positivas diante desta.

É importante observar que as pessoas podem estar formando suas expectativas sem uma base real, o que lhes permitem, ao ingressarem e se depararem com tal instituição, ter decepções e frustrações ao perceberem outra realidade contrastando com os seus ideais. Daí, são geradas as expectativas negativas, que contribuem para o afastamento entre a Comunidade e a Universidade, já que esta não consegue atender as expectativas e necessidades das pessoas, em ter ensino de melhor qualidade, como também cursos rápidos e adequados ao mercado de trabalho, que poderiam dar possibilidades de mudar o padrão de vida.

Apesar das Universidades atuais se estabelecerem com a proposta de Ensino, Pesquisa e Extensão, parece que apenas as duas primeiras funções estão sendo efetivadas. Pois não é percebido entre a Comunidade a questão da Extensão. E, é justamente esta que poderia abrir novos caminhos para o "reencontro" da Comunidade com a Universidade. Podemos deduzir, com base nos resultados, que falta uma maior divulgação por parte da Universidade sobre o alcance e limitações das contribuições que poderia oferecer a Comunidade.

Em estudos posteriores, talvez fosse importante pesquisar estudantes em suas instituições de ensino, tentando-se fazer uma caracterização entre Ensino Público e Privado. Também poderiam fornecer resultados complementares de pesquisas que enfocassem o curso que as pessoas frequentaram na Universidade. E, ainda, estudos que estivessem endereçados a comparar as expectativas de alunos secundaristas de colégios públicos com colégios particulares, indo além

dos estudos de Kauth & Cornejo (1976). Em todos os casos, ter-se-iam acréscimos de conhecimentos acerca das expectativas da Comunidade, que ajudariam a explicar o porquê de seu afastamento da Universidade.

Numa conclusão de Buarque (1986),

"o isolamento da Universidade em relação ao mundo real é uma das causas de sua crise. A Universidade deve se integrar, definindo para tanto uma política clara, ao nível político e técnico. A nível político, o caminho é a inclusão nos seus órgãos diretores de representantes da sociedade civil. a nível técnico, devem ser atraídos profissionais de fora para cooperarem nas atividades universitárias. Finalmente, e igualmente importante como forma de fortalecer a integração, a Universidade deve incentivar ao máximo atividades de extensão". (p. 26).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, F. J. B. de Expectativas da comunidade sobre a Universidade. **Cadernos de Texto do CCHLA/UFPb**. 12, 2-12, 1987.
- Alfredo, J. Estudantes e estrutura universitária. **Revista Civilização Brasileira**, 9/10, 85-91, 1966.
- Buarque, C. **Uma idéia de Universidade: contribuição ao congresso universitário permanente da UnB**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1986.
- Cannabrava, E. Estrutura e função da Universidade. **Cadernos Brasileiros**. 3,12-23, 1961.
- Cansado, M. A função da Universidade no Brasil. **Cultura Política**, 75-78, 1945.
- Cantril, H. **Psicologia de los movimientos sociales**. 2ª ed., Madrid: Ediciones Euramérica, 1969.
- Col Debela, M. A. **Efeitos do primeiro semestre curricular sobre a mudança de atitudes do aluno em relação à Universidade**. Dissertação de Mestrado, UFPb, 1978.
- Deno, P. **Educação brasileira**, vol. I, nº 1, Brasília; CRUB, 1978.
- Ditto, P. H. & Hilton, J. L. Expectancy processes in the health care interation sequence. **Journal of Social Issues**, 46.97-124, 1990.
- Festinger, L. **Teoria da dissonância cognitiva**. Rio de Janeiro: Zahar,

1975.

- Foracchi, M. M. O estudante universitário: resultados iniciais de uma investigação sociológica. **ANHEMBI**, 12, 422-445, 1962.
- Gunther, H. & Lopes Jr. J. Perguntas abertas versus perguntas fechadas: uma comparação empírica. **Psicologia: Teoria & Pesquisa**, 6, 203-213, 1990.
- Hamilton, d. L., Sherman, s. J., & Ruvolo, C. M. Stereotype-based expectancies: effects on information processing and social behavior. **Journal of Social Issues**, 46, 35-60, 1990.
- Heer, F. O mundo medieval: ciência e Universidade. **Edições Múltiplas**, ano II, nº 8, 1982.
- Jussim, L. Expectancies and social issues: introductory. **Journal of Social issues**, 46, 1-8, 1990.
- Kauth, A. R. & Cornejo, M. A. Las actitudes de los estudiantes de secundaria ante la Universidad. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, 28, 90-100, 1976.
- Krejcie, R. V. & Morgan, D. W. Determining sample size for research activities. **Educational and Psychological Measurement**, 30, 607-610, 1970.
- Oliveira, N. R. da S. A juventude universitária: uma abordagem crítica da pesquisa - análise sociológica da problemática do jovem. **Revistas Ciências Sociais**, 5, 113-142, 1974.
- Ponce, A. O que é Universidade. In C. F. Filho. **Universidade e sociedade**. Campina Grande: GRAFSET, 1984.
- Ribeiro, D. **A Universidade necessária**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.
- Richardson, R. J., Peres, J. A. de S., Correia, L. M. Peres, M. de H. de M., & Wanderley, J. C. V. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.
- Schly, g. F., & Vetter, D. M. Atitudes políticas numa Universidade brasileira. **Síntese**, 7, 25-37, 1980.
- Tobias, J. **Universidade: humanismo ou tecnicismo**. São Paulo. Ed. Herder, 1969.
- Vidal, J. W. B. **Por uma nova Universidade - Resgate de projeto histórico: complexo institucional FUB/UnB**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1989.
- Weber, S. **Aspirações à educação: o condicionamento do modelo dominante**. Petrópolis: Vozes, 1976.